



A PRESENÇA DAS ESTUDANTES NEGRAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (2001-2013)

SILVA, José Bento Rosa da.

Professor do Programa de Pós-graduação em História da UFPE

E-mail: negrobento@bol.com.br

SILVA, Dianne Kéthully Delfino da.

Estudante de graduação do Departamento de Serviço Social, Bolsista do programa de iniciação científica do CNPQ

E-mail: negrazulu1@hotmail.com

77

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade trazer para a cena as dificuldades as quais passam as estudantes negras que se encontram inseridas dentro da Universidade Federal de Pernambuco, num dado período que vai de 2009 a 2013, a partir de relatos disponíveis em um grupo na rede virtual. Passando a ser analisado seus discursos a partir de uma visão de si em conexão com o mundo a sua volta, trazendo uma maior valorização de suas histórias, tirando-as da condição de invisibilidade. Para isto foi utilizado como material de coleta discussões feitas em um grupo formado na rede virtual a respeito de seu reconhecimento como mulher negra e a relação desta afirmativa com sua condição de mulher, negra e estudante. Com isto foi possível visualizar de modo mais preciso a forma, a qual esta mulher se insere na Universidade, ao mesmo passo em que se fez possível a identificação delas sobre elas mesmas dentro desse espaço, onde é apresentado muitas deficiências, na forma utilizada pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) para acolher tais estudantes negras.

Palavras-chave: Mulheres. Negras. Universidade.

ABSTRACT

This work aims to bring to the scene of the difficulties which are the black students that are inserted into the Federal University of Pernambuco, in a given period that goes from 2009 to 2013, from reports available in a group in the virtual network. Going to be analyzed his speeches from a vision of himself in connection with the world around him, bringing a greater appreciation of their stories, taking them out of the condition of invisibility. To this was used as a collection made on a discussion group formed in virtual network about its recognition as a black woman and the relationship of this statement with their womanhood, black and student material. With this it was possible to visualize more precisely the form which this woman fits into the University at the same step that made it possible to identify them about themselves within that space where many deficiencies is presented in the form used by the University Federal de Pernambuco (UFPE) to accommodate such black students.

Key-words: Women's. Black. University.



INTRODUÇÃO

É fato que as questões sobre desigualdades raciais e de gênero no Brasil, nas mais diversas áreas da sociedade, existem e se perpetuam por séculos. Na atualidade, tais questões possuem maior espaço para debates e proposições acerca das temáticas, entretanto, muitas delas continuam a não possuírem respostas ou soluções efetivas para seus problemas.

Uma dessas questões é relativa à educação que, de acordo com a Constituição Federal do Brasil de 1988, é entendida como um direito social que deve ser garantido a todo e qualquer cidadão para a viabilização de valores supremos como a igualdade e o desenvolvimento humano (CF/88).

Voltando as questões raciais e de gênero e ainda correlacionando-as com a educação, surge como questionamento e preocupação a trajetória para inserção, permanência e autorrepresentação de mulheres negras nos cursos de ensino superior.

Este cenário se faz presente devido ao modo o qual nossa sociedade foi se relacionando com homens e mulheres negros desde o período colonial. Esses homens e mulheres chegaram a terras brasileiras, em suma maioria, através do tráfico humano de escravos e suas situações por séculos foram as mais degradantes possíveis.

Mesmo após o fim da escravidão esses sujeitos continuaram a ter papéis considerados inferiores para a sociedade, estando a grande maioria dos sujeitos negros sem acesso as mínimas condições de sobrevivência. Para os homens existiam os trabalhos mais precários e que poucos aceitavam fazer, já para as mulheres restavam os trabalhos domésticos e de cuidadoras que, por muitas vezes assemelhavam-se as condições do trabalho escravo (Gênero e diversidade na escola, 2009.).

Sem acesso igualitário a educação e formação profissional a mulher negra só consegue se inserir mais tardiamente e de forma mais penosa, explicando-se assim a razão pela qual o numero de mulheres negras inseridas nas graduações, pós-graduações e carreira acadêmica é ainda ínfimo.

Os nossos questionamentos surgem a partir de observação participante e estudos na academia, no curso de graduação na Universidade Federal de Pernambuco sobre a história do país e relações étnico-raciais e de gênero. Dessa forma, nos autoquestionamos sobre as condições de acesso, permanência e autorrepresentação dessas estudantes negras.



Considerando o acima exposto temos como objetivo principal investigar a presença das estudantes negras na Universidade Federal de Pernambuco, no período compreendido entre 2001 a 2013. Com o intuito de identificar quais os cursos elas estão inseridas e aqueles onde elas jamais se inseriram e a partir disto fazer visível sua condição enquanto estudante mulher e negra.

O recorte temporal da pesquisa (2001-2013) está relacionado com a participação do Brasil na segunda conferência mundial contra o racismo, xenofobia, preconceito, discriminação, intolerância e formas correlatas; realizada na cidade de Durban, na África do Sul¹ no ano de 2001. Na ocasião o Brasil foi signatário das resoluções que entre outras se comprometeu em construir políticas de equidade étnica/racial, e de gênero; e 2013 foi escolhido por ser o ano em que a Universidade Federal de Pernambuco começou a implementar a política de cota sociais e raciais em decorrência da exigência da lei².

OBJETIVOS E METAS

O projeto tem como objetivo central trazer a realidade das estudantes negras na Universidade Federal de Pernambuco num dado período compreendido entre 2001 e 2013, no sentido de revelar como se dá a inserção desta estudante, quais as dificuldades apresentadas no que se refere à integração no ambiente universitário no seu sentido de coletivo, em relação professores/aluno, coordenação/aluno e aluno/aluno.

Sendo retratado segundo o ponto de vista das estudantes o qual será descrito livremente pela entrevistada, não vindo a sofrer influências do pesquisador, de forma a não haver roteiro e/ou questionário a ser seguido uma vez que o foco da pesquisa centrasse na autobiografia, ou seja, na escrita de si, por si³.

Com isto preocupa-se com a descrição (segundo o formato de autobiografias) das estudantes sobre sua realidade dentro da Universidade Federal de Pernambuco, do período de seu ingresso até o momento da entrevista, com isto o projeto se propõe a desvelar as formas de

¹ Sobre as resoluções de Durban. Ver: <http://www.social.mg.gov.br/documentos/Conselhos/cnn/durban.pdf>. Acessado em 20 de Dezembro de 2012.

² Estamos nos referindo a Lei nº 12.711/2012 assinada pela presidenta Dilma Rousseff, em 11 de Outubro do referido ano.

³ Como visto em: Pierre Domincé no livro Biografia e Educação: Figuras do indivíduo-projeto.

A PRESENÇA DAS ESTUDANTES NEGRAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (2001-2013) – SILVA, José Bento Rosa da; SILVA, Dianne Kéthully Delfino da.



violências⁴ as quais são (caso aconteçam) expostas devido a sua condição, condição esta que diz respeito a sua cor, gênero e/ou classe social.

Auxiliando na formação de um olhar crítico da realidade por parte das estudantes sobre o meio ao qual estão inseridas e sobre sua condição de mulher, mas não se esgotando nisto, bem como “esbarrando” na sua cor, uma vez que carregam na cor de sua pele um legado de séculos de exploração, os quais não se restringiram ao período escravocrata, mas se arrastando por todo o pós abolição, atingindo todos os momentos históricos⁵.

Fazendo isto, buscar mecanismos para dismantelar as formas de violências existentes, por meio da denúncia a comunidade científica e as demais camadas da sociedade, por meio deste documento, o qual assume esta responsabilidade pela necessidade eminente de material sobre tal temática, uma vez que se fazem presente com mais evidência no cotidiano de afro-descendentes e do gênero feminino tais violências, estas que não se restringem aos ambientes externos, mas antes ao interno a Universidade, na qual este assumira formas dificilmente detectáveis, devido ao mito criado pela sociedade vigente que não se cansa em afirmar a existência de uma suposta democracia racial⁶.

JUSTIFICATIVA

A população negra e parda no Brasil, segundo registros do ano de 2010, representa um total de 51% da população do país⁷, é valido ressaltar que esta informação é retirada a partir de autodeclaração, uma vez que segundo Eliane Azevêdo (1987) “senão é possível delimitar biologicamente as raças, sua definição terá que necessariamente ser imprecisa”.

Sendo, portanto a maior parcela da população brasileira, porém sendo detentora das piores condições econômico/sociais, pois segundo Chiavenato (2012) 70% da população pobre

⁴ A violência e posta no plural uma vez que há várias expressões da mesma, além de atingir o indivíduo de variadas formas. Sob esta questão ver: Saúde, Gênero e Violência: Um estudo comparativo Brasil/França sobre a saúde da mulher negra. Sob autoria de Maria de Fátima Gomes de Lucena.

⁵ Sobre esta questão. Ver. NOGUEIRA, Oracy. Preconceito De Marca. SP: Edusp. 1998.

⁶ Termo que nasce com as obras de Gilberto Freyre (Casa Grande Senzala e Sobrados e Mocambos), mas que não se acham citadas nas mesmas, tal termo traz a alusão de que no Brasil não teria racismo, tendo sido o mesmo esgotado com o período escravocrata e que após dado período todos teriam igual oportunidades dentro da sociedade de se desenvolverem, esbarrando apenas na sua própria capacidade em um sentido focalizado apenas no individual, não vendo o macro, pensamento próprio do modelo da sociedade capitalista.

⁷ Esses dados se encontram no Livro “O negro no Brasil” de José Júlio Chiavenato (2012), porém refere-se aos dados divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no ano de 2010, data do último censo. A PRESENÇA DAS ESTUDANTES NEGRAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (2001-2013) – SILVA, José Bento Rosa da; SILVA, Dianne Kéthully Delfino da.



é negra, refletisse na quase total escassez de condições para uma possível mobilidade social, sendo mais abrupta quando o sujeito em questão é uma mulher negra.

O Brasil possui histórica e culturalmente um legado social machista e paternalista. Historicamente a mulher é vista como ser frágil e dependente de um companheiro. A situação da mulher negra no Brasil é ainda pior, pois além do país ter passado mais de quatro séculos se favorecendo do trabalho do escravo negro, suas marcas continuam ainda nos dias atuais nos mais diversos espaços sociais.

O povo negro foi posto a margem da sociedade vivendo na miséria, sem trabalho e em condições indignas de sobrevivência. A história nos mostra que a mulher negra ficou com a responsabilidade de cuidar da casa e dos filhos de outras mulheres para que elas, as mães do lar, pudessem cumprir uma jornada de trabalho fora de casa.

Apesar das transformações nas condições de vida e papel das mulheres em todo o mundo, em especial a partir dos anos de 1960, a mulher negra continua vivendo uma situação marcada pela dupla discriminação: ser mulher em uma sociedade machista, e ser negra numa sociedade racista. (MUNANGA, 2006, p. 133).

Em relação ao recorte da mulher negra na educação, tem-se um campo ainda pouco disseminado. Vera Maria Candau (2003) afirma que o âmbito educacional é espaço de diferentes relações sociais que refletem a diversidade cultural da sociedade brasileira e sobre a questão racial diz que:

A questão racial não é exclusiva dos negros. Ela é da população brasileira. Não adianta apoiar e fortalecer a identidade das crianças negras, se a branca não repensar suas posições. Ninguém diz para o filho que deve discriminar o negro, mas a forma como se trata o empregado, as piadas, os ditos e outros gestos influem na educação. (CANDAU, 2003, p.29,30).

Para que seja possível um diálogo saudável sobre as questões étnico-raciais na sociedade, a educação é fator de suma importância. Para que esta educação possa deixar de ter

A PRESENÇA DAS ESTUDANTES NEGRAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (2001-2013) – SILVA, José Bento Rosa da; SILVA, Dianne Kéthully Delfino da.



legados tão fortemente racistas e machistas se faz necessário que o debate sobre as temáticas de gênero, raças e educação estejam presentes desde as escolas até as universidades.

Dessa forma, surge o autoquestionamento sobre as condições de acesso, permanência e autorrepresentação desse segmento populacional.

Tal delimitação do objeto a ser pesquisado foi posto a partir de dois fatores principais: o primeiro seria pela participação ínfima de negros de ambos os sexos nas Universidades uma vez que segundo os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2010, o percentual de negros no ensino superior passou de 10,2% em 2001 para 35,8% em 2011, ainda assim, esse aumento não foi suficiente para alcançar uma equivalência entre homens e mulheres de cor branca dez anos antes - que era de 39,6%. Hoje, o número de brancos entre 18 e 24 anos que estão na universidade atinge 65,7% do total.

Procurou-se saber qual é o quantitativo de mulheres negras na universidade e, com certa surpresa, esse quantitativo não existe nos dados da universidade, ficando clara a posição de invisibilidade a qual ocupam esses sujeitos dentro da IES em questão. Assim, inquieta-nos saber de que forma tais mulheres inserirem, permanecem e se veem frente aos departamentos que compõe a Universidade, bem como de seus iguais.

Com isto, busca-se tirar tais mulheres da sombra e inserí-las no foco do debate, bem como as possíveis dificuldades por elas encontradas em seu processo formativo e/ou profissional. Além disso, servir de material para futuras pesquisas, devido à quase completa escassez de material que buscasse trazer uma visão diferenciada sobre tais mulheres, uma vez que tratasse da visão delas mesmas, sobre elas e sobre sua condição de discentes e docentes e poder contribuir para que a inserção e permanência dessas mulheres tanto na formação quanto carreira acadêmica sejam ampliadas.

METODOLOGIA DO TRABALHO

Entendendo a trajetória de vida “como um conjunto de eventos que fundamentam a vida de uma pessoa” (BORN, 2001, p.243.) e a história de vida como um conjunto de “interpretações individuais de experiências sociais” (KOFES, 1994, p.118), toma-se como ponto de partida para a pesquisa de conclusão de curso a busca pela visibilidade das trajetórias e histórias de vida



de um grupo social que por vezes ainda é localizado as margens das discussões do cotidiano acadêmico e social; as mulheres negras.

Busca-se, partir de relatos autobiográficos, compreender a historicidade e dificuldades encontradas por mulheres negras dentro do campo acadêmico do Serviço Social e também contribuir para os campos de estudos gênero, relações étnico-raciais e profissionais e, dessa forma, contribuir para a igualdade dos mesmos. O presente projeto tem o intuito de valorizar as experiências de cada mulher negra dando voz a suas formas de interpretação de suas próprias histórias.

Sendo através da pesquisa qualitativa que vem a ser considerada por JOSSO (2009) como uma “guinada epistemológica”, uma vez, que essa forma de pesquisa parte do princípio do desligamento de “análises fundamentadas nos grandes números para análises baseadas na singularidade de uma vida ou da vida de um grupo”, como é o caso da pesquisa quantitativa.

Ainda dentro da pesquisa qualitativa buscamos fazer nossa coleta de dados a partir da história oral, de forma a inaugurar uma prática característica de trabalho tanto com um novo tipo de material, bem como, uma nova forma do pesquisador se relacionar com o sujeito, pela implicação, o lugar da subjetividade que podem trazer “problemas de memória, dublados com o problema da imagem de si, cuja seleção é feita com interesses que escapam ao pesquisador” (JOSSO, 2010, p. 131). Além de percorrer um caminho pautado por uma maior valorização da oralidade como instrumento de pesquisa, segundo Paul Thompson:

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo como a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos para investigação. (THOMPSON, 1992, p. 22)

Sendo utilizados outros métodos de pesquisa tais como a pesquisa participante, a qual nos possibilitará não apenas extrair o conhecimento, mas também contribuir na construção da identidade das estudantes negras da UFPE, ao mesmo passo em que a nossa vai sendo fortalecida.

Para atingir este fim, foi criado um grupo dentro de uma rede virtual, dada a possibilidade de usar o material sem precisar de alvará do comitê de ética, além de ser um método mais cômodo para todas as partes. Para podermos ter uma margem de que locais estavam inseridas as estudantes negras foi procurado primeiramente os centros: foram eles o

Centro de Educação (CE) e Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), porém em nenhum A PRESENÇA DAS ESTUDANTES NEGRAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (2001-2013) – SILVA, José Bento Rosa da; SILVA, Dianne Kéthully Delfino da.



dos dois centros encontrou-se uma lista dos alunos negros ou cotistas, tal busca não obteve sucesso, foi procurada a Pro - reitoria de Assuntos Acadêmicos (PROAS), porém, a mesma também não dispunha de tal documento. Sem saber ao certo onde estavam essas mulheres, o trabalho deu início de forma mais rudimentar, uma vez que cada centro foi visitado, na tentativa de conseguir pessoas que aceitassem trocar experiências, sendo limitada a cinco mulheres em cada curso.

A partir destas significações é possível conhecer a dinâmica de inserção, permanência e autorrepresentação de mulheres discentes negras da Universidade Federal de Pernambuco. Dessa forma, as biografias podem ser usadas como fonte documental angular para serem destrinchados os históricos da presença/ausência de tais representações dentro do departamento de Serviço Social e, através desta, ampliar-se o debate em torno das questões referentes ao gênero e relações étnico-raciais dentro do Serviço Social e das lutas representativas de cada grupo social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As mulheres negras possuíam uma forma particular de acesso no país, sendo elas vitimadas pelo processo de escravidão ao ser encerrado este processo viu-se sem ter onde apoiar-se, pois não foi recebida na sua nova condição de liberta e cidadã, foi entregue a própria sorte, tendo que conseguir trabalhos que simulavam os do período de escravidão, com muita luta e bastante sofrimento tais mulheres começaram a lutar por sua autonomia, por melhores condições de vida e direito ao acesso a educação, campo que era de direito apenas para homens no geral e mulheres brancas.

Tanto lutou-se que se conseguiu acessar as universidades, mas de forma muito sofrida e precarizada até os dias atuais, pois tais mulheres ainda são a minoria dentro dos espaços acadêmicos e ainda não se vêem como possuidoras deste. De que forma se faria possível para que sua inclusão se desse de forma menos dolorosa e sua permanência não viesse a se tornar um martírio, o que ocorre na maioria das vezes, uma vez que na sociedade de modo geral sua posição não foi alterada, ainda restando para elas os subempregos e como as mulheres das escolas de samba, das cervejas, sendo coisificadas ao máximo em um modelo de sociedade que se apóia nisto, ou seja, no alargamento das contradições entre os humanos.

As mulheres negras estão na universidade, mas ao mesmo tempo não são vistas com facilidade, estão em uma condição em que as mesmas têm que se fazerem vistas, algo que foi recorrente nos relatos é que elas não se viam representadas dentro do espaço acadêmico, seja

A PRESENÇA DAS ESTUDANTES NEGRAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (2001-2013) – SILVA, José Bento Rosa da; SILVA, Dianne Kéthully Delfino da.



pelo número ínfimo de alunas negras dentro das pós-graduações, de professoras negras, da escassez de obras as quais elas pudessem se reconhecer e reconhecer sua ancestralidade dentro das diversas bibliotecas.

Tais insuficiências fizeram e fazem as mulheres negras se omitirem frente as discussões, dentro dos mais variados temas na Universidade, implicando em uma fragilidade sobre sua visão de si mesma e sobre as demais coisas que se encontram ao seu redor. O que corrobora para que sua condição de gênero e raça sejam ainda mais minimizadas, sendo tais mulheres reconhecidas como um número (sua matrícula) e não por suas características físicas e subjetivas.

CONCLUSÕES

As mulheres negras ainda são vítimas de preconceitos dentro do espaço acadêmico, a maior prova deste se dá pela ausência de material que indiquem onde elas estão inseridas, em quais os cursos e centros, colocando-as na condição mais uma vez de invisíveis.

Sendo necessários mais estudos que viessem cumprir a tarefa de tira-las desta condição e que contribui-se para o empoderamento das mesmas. Tal estudo se fez importante por ser um “ponta pé” em estudos futuros e como um instrumento para auxiliá-las a uma auto-reflexão sobre si mesmas e sua condição de estudantes universitárias.

Porém, não se finda na sua condição de estudante, uma vez que esta vem a ser um estado temporário/transitório na vida dessas mulheres, mas que esse espaço que serve para o seu crescimento nas mais diversas áreas de saberes sirva para que haja um maior fortalecimento de sua identidade negra e de gênero.

Podendo este estar relacionado com a criação e fortalecimento de grupos de discussão sobre raça, ciência, gênero e ou produção de conhecimentos. Passando a auxiliar tais estudantes negras em seu processo de reconhecimento, para que elas possam ver na Universidade um local de pertença.



REFERÊNCIAS

a) Livros:

AZEVEDO, Eliane. Raça: conceito e preconceito. Ed. Ática, 1987.

FERNANDES, Florestan. A inserção do negro na sociedade de classes. Ed. Globo, Vol. I e II, 1964.

GONDIM, Linda M. P. A pesquisa como artesanato intelectual: considerações sobre método e bom senso / Linda M.P. Gondim, Jacob Carlos Lima.- São Carlos: EdUFSCar, 2010.

SAFIOTTI, Heleieth. A mulher na sociedade de classes. Ed. Expressão popular. 2013.

CHIAVENATO, Júlio José. O negro no Brasil. Ed. Cortez, 1987.

SARDENBERG, M. Cecilia. Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista? Disponível em:

<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6875/1/Vers%C3%A3o%20Final%20Da%20Cr%C3%ADtica%20Feminista.pdf>> Acessado em: 01 de julho de 2014.

SCHIEBINGER, Londa. O Feminismo mudou a Ciência?, tradução de Raul Fiker. - Bauru, SP : EDUSC, 2001.

b) Artigos na internet:

BARBIERI, Teresita. Sobre a categoria gênero: Uma introdução teórico-metodológica. Revista Interamerica de Sociologia. Ano VI, n°2-3(segundo semestre), maio-dezembro/1992.

BORN, Claudia. Gênero, trajetória de vida biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos, Sociologias, Porto Alegre, ano 3, n°5, jan/jun 2001, p.240-265.

CISNE, Mirla. Gênero, marxismo e pós-modernidade: uma reflexão teórico-política acerca do feminismo na atualidade. Disponível em:

<http://www.ocomuneiro.com/nr02_09_Genero,%20marxismo%20e%20pos-modernidade.htm>. Acessado em: 25 de Maio de 2014.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilegio da perspectiva parcial. Disponível em:

<www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51046>, Acesso em: 12 de julho de 2014.

MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a05v1850>, acesso em: 14 de junho de 2014.

CRUZ, Lindalva Alves. Crítica epistemológica do feminismo. Disponível em: <<http://www.joinpp.ufma.br/.../57ef1026f04c70177699LINDALVA%20ALVE...>>, acesso em: 01 de julho de 2014.

SILVA, Maria Nilza da. A mulher negra. Revista espaço acadêmico. Disponível em: <www.espacoacademico.com.br/022/22csilva.html>, Acesso em: 12 de junho de 2014.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. Revista estudos feministas, ano 01, 1° semestre. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/download/15984/14483>>, acesso em: 02 de julho de 2014.

c) Teses:

MATIAS DOS SANTOS, Vívian. Sobre mulheres, laboratórios e fazeres científicos na terra da luz. Disponível em:

<<http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6302/1/2012-TESE-VMSANTOS.pdf>> >
Acessado em: 04 de Julho de 2014.